

## Dom Orlando Brandes

O ITESC iniciou em 1973. Em março de 1974 eu já fazia parte do corpo docente, ensinando teologia moral. Posteriormente lecionei eclesiologia, espiritualidade, teologia da Trindade, pneumatologia, sacramento da eucaristia, sacramento da penitência, introdução à teologia, revelação, sacramento da unção dos enfermos. Fui diretor da Instituição após a morte do Padre Paulo Bratti.

Lecionei todas as matérias acima relatadas, por falta de professores. Quero dizer com isso que acompanhei a história do Itesc até 1994. Nestes 30 anos o professorado cresceu em qualidade e experiência, porque sempre houve o cuidado na formação de professores. A maioria dos membros do corpo docente primava pela seriedade acadêmica.

O ITESC sofreu experiências marcantes como a crise da Criatividade Comunitária, a hegemonia da teologia da libertação no contexto brasileiro e catarinense, a morte prematura do Padre Paulo Bratti, a visita apostólica nos seminários, na pessoa de Dom Ivo Lorscheiter, a separação entre ITESC e Seminários de Teologia.

Nosso Instituto alcançou bom equacionamento em relação à organização da teoria e prática pastoral, da assessoria às dioceses, da abertura à dimensão social da fé e da teologia, da atuação do Diretório Acadêmico, da seriedade acadêmica. Precisa solucionar a falta de professores na área de moral, dogmática, história da Igreja. Velho problema é a questão da didática dos professores e da coerência entre teoria e vida, como também melhor entrosamento entre professores e reitores dos seminários. A missão do bispo referencial que representa o episcopado catarinense junto ao Instituto é altamente significativa.

A relação entre teologia e mística tanto no que tange o corpo docente como o discente, é uma questão central e de suma relevância para a eficácia pastoral. Se a teologia não chegou ao coração transformando as pessoas, permanece teoria, racionalidade, academicismo.



Somando tudo, o resultado positivo é maior. Só nos resta agradecer a Deus pelas realizações do nosso Instituto e parabenizar professores, alunos, funcionários do passado e de hoje, pelos seus esforços, colaboração, sacrifícios, dedicação, nestes trinta anos de história.

*Dom Orlando Brandes  
é Bispo Diocesano de Joinville, SC.*

## **Dom Manoel João Francisco**

Fui professor no ITESC durante vinte anos (1978-1998), mas acompanhei seu desenvolvimento desde o início, quando Pe. Paulo Bratti nos deixou em Curitiba, em 1972, para iniciar o novo centro de formação dos presbíteros catarinenses.

O ITESC nasceu num contexto de oposição à orientação da Igreja no Regional Sul IV, liderada por um forte grupo, adepto do movimento “Criatividade Comunitária”. Por isso foi, por longo tempo, contestado e, até boicotado por aquele grupo. Dom Afonso Niehues, no entanto, com sua forte liderança junto ao episcopado catarinense, garantiu o apoio à orientação representada pelo Pe. Paulo Bratti.

De início, Instituto e Seminário de Teologia se identificavam. Os professores eram também formadores. Foram tempos difíceis. Os bispos, em suas reuniões, traçavam orientações comuns e as transmitiam aos formadores para que fossem cumpridas. Mas em particular, conversando com seus seminaristas, sentindo a insatisfação, desautorizavam o que haviam determinado, deixando os formadores a ver navios. O clima era tenso, com sérios prejuízos, tanto para a formação no Seminário, quanto para o estudo no Instituto.

Pe. Paulo Bratti, com muita segurança, auxiliado pelo grupo de formadores e professores (especialmente Pe. Orlando Brandes, Pe. Evaristo Debiasi, Pe. Ney Brasil Pereira) foi dando um rosto ao Instituto. O objetivo era formar padres e agentes de pastoral (religiosas e leigas/os) com sólida formação teológica e espiritual. A teologia da libertação era acatada e ensinada, mas como “teologia segunda”, como o próprio nome diz “teologia de”. A orientação era a de ensinar a “teologia primeira”, ou seja, os tratados fundamentais da teologia, mesmo tendo de enfrentar a acusação de ser um Instituto demasiadamente teórico e romanizado.

Com a criação das comunidades diocesanas, separando o Instituto do Seminário, o ITESC ganhou novo impulso. As Dioceses assumiram



mais de perto a formação vocacional de seus seminaristas e o Instituto passou a ter como primeira ocupação a formação acadêmica da teologia. O Diretor do Instituto já não se identificava com o Reitor do Seminário. Esta distinção foi muito importante. Os alunos nem sempre distinguiam as duas funções exercidas pela mesma pessoa, criando muitas tensões e dificuldades. Os formadores diocesanos, vivendo o dia-a-dia do Instituto, passaram a ser elos de ligação entre ITESC e dioceses, desfazendo muitas desinformações e preconceitos, conseqüência da oposição inicial.

Aos poucos o número de professores foi aumentando. A Arquidiocese de Florianópolis, não poupou esforços, enviando vários de seus padres a Roma a fim de se especializarem nas diversas disciplinas. As Dioceses de Tubarão e de Lages tiveram o mesmo cuidado, embora não tanto quanto Florianópolis. Hoje o ITESC possui um corpo de professores altamente preparado e respeitado em todo o Brasil e fora do Brasil.

Boa parte do meu ministério foi dedicado ao ITESC. Sinto-me parte de sua história. Foi em vista dele que a Arquidiocese de Florianópolis me proporcionou a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos teológicos e o doutoramento em teologia dogmática com especialização em sacramentos. Guardo agradáveis lembranças dos vinte anos de magistério no ITESC, dos quais cinco como Diretor. Por ocasião do seu 30º aniversário, quero expressar meus melhores votos de muito êxito à atual Direção, aos Professores e aos Alunos. Santa Catarina, com certeza, espera muito do ITESC enquanto centro de ensino, pesquisa e de difusão teológica e pastoral.

*Dom Manoel João Francisco  
é Bispo Diocesano de Chapecó, SC.*

## **Sr. José Fritsch**

Fui aluno do ITESC nos anos 1977 e 1978, membro da primeira turma de estudantes da diocese de Chapecó. Minha residência era o «Convívio Emaús», tendo como orientadores os padres Evaristo Debiasi e Valter Goedert.

Era um tempo difícil para o país, que vivia ainda o regime da ditadura. Na Igreja, as posições se dividiam entre grupos que aderiam à nova reflexão teológico-pastoral, representada pela Teologia da Libertação e pelas CEBs, e grupos que se opunham a essa tendência. Esses fatores influenciavam no ITESC, de modo que também nós precisávamos nos posicionar sobre as questões sócio-eclesiais.



Isso foi possível porque no ITESC havia um grupo de estudantes que sintonizava com a reflexão teológica emergente e com o desenvolvimento da perspectiva social na prática pastoral.

Para mim, esse foi um período de militância. Como estudante de teologia, fui também membro do movimento estudantil da Universidade Federal de Santa Catarina – na época as aulas eram nas dependências da UFSC; fui membro do Diretório de Estudantes de Teologia do ITESC – DAT; e fui membro também da Comissão de Justiça e Paz, da arquidiocese de Florianópolis. Tenho na memória a participação em momentos delicados da vida social em Florianópolis, como a visita do Presidente da República, João Figueiredo, para inaugurar um busto de Floriano Peixoto no centro da cidade. Organizamos um protesto contra esse evento, por ter sido esse general responsável pelo massacre de povos indígenas em nosso Estado. Em tempos de ditadura, esse protesto não era possível, e a polícia nos dispersou.

O ITESC sempre preocupou-se com a orientação pastoral dos seus alunos. Para mim foi positivo o fato de atuar na paróquia de Garopaba, por um ano e meio. Na época, era pároco o Pe. Francisco Wloch. A orientação e inspiração para a ação pastoral vinha dos teólogos da libertação, sobretudo Frei Carlos Mesters e Marcelo Barros.

O ITESC realizou um papel importante na minha formação, como cidadão e como cristão católico. Ajudou-me a entender melhor o que é ser Igreja e nela atuar de modo responsável. Depois que desisti do seminário, fui catequista, membro de grupos de jovens, ministro da Eucaristia etc. O ITESC ensinou-me a trabalhar na articulação do povo, na formação de comunidades, na relação com as pessoas. Desse chão é que veio a inspiração para compor algumas canções que fizeram história, como «Animados pela fé», que se tornou um hino no ano da Campanha da Fraternidade sobre o migrante - 1980.

Hoje sou casado, tenho 4 filhos e sou ministro do governo Lula. Minha atuação política passou por várias etapas, entre outras: constituinte em 1986; deputado federal de 1994 a 1996; prefeito de Chapecó nos anos 1997 a 2000; candidato ao governo do Estado de Santa Catarina em 2003, e agora atuo no governo federal. Durante esse percurso não esqueci a minha formação cristã, a minha fé, o meu compromisso com o povo. E muito disso foi no ITESC que desenvolvi, a cujos formadores e professores expresso minha gratidão.

*José Fritsch é Ministro da Pesca  
do Governo Federal.*



# Pe. Márcio Bolda da Silva

## Anos Conturbados

O ITESC está celebrando trinta anos de fundação! Momento este propício para resgatar a memória histórica. O resgate com esse perfil só pode ter a cara das pessoas, dos fatos que deram alma à Instituição, enquanto nela viveram ou por ela passaram com a consciência de que estavam apenas de passagem.

Reportando-me ao tempo em que vivi no ITESC, a memória nos situa nos inícios da década de oitenta do século passado, o período de 1980 a 1983. Vou caracterizar esse momento com a expressão “anos conturbados”. Por que conturbados?

É óbvio que, aqui, a resposta assume a fisionomia de impressões. E toda impressão, segundo o espírito filosófico grego, nada mais é do que *doxa*, isto é, mera opinião. Daí se compreende que a ótica filosófica grega não simpatizava muito com a *opinião*, uma vez que ela se confunde com as idiossincrasias do sujeito que se dispõe a descrever o seu ponto de vista.

Esclarecidas as preliminares, vamos à pergunta. Por que “anos conturbados”? A resposta toma a feição de algumas impressões.

A primeira impressão relembra a vida comunitária, de seminário, como era tumultuada! A causa para tanto tumulto se explicava pela existência do grande seminário, o “itescão”. Naquela época, não eram “coisas” ou, melhor, entidades distintas e separadas de fato, o instituto de teologia e os seminários dos estudantes de teologia. As dificuldades grassavam, pois problemas de sala de aula refletiam na vida de seminário e vice-versa. Os orientadores assumiam dupla função, a de formador e a de professor. E isso, em alguns casos, não se casava muito bem. Não existia a figura do reitor. Até por que era visceralmente repelida.

Quando fazemos referência à realidade de seminário, para que a compreensão não fique distorcida - a palavra seminário, naquela época, tinha a forma de um grande corpo constituído por seminaristas oriundos de todas as dioceses do Regional Sul IV (menos Criciúma e Blumenau, que eram projetos embrionários). As fronteiras desse corpo volumoso ultrapassavam o Regional de Santa Catarina e se estendiam até o Paraná,



o Nordeste, pois nele também se aninhavam seminaristas provenientes de Palmas, Francisco Beltrão, Toledo, Foz do Iguaçu, Crato...

Dizia-se, na época, que esse corpo de proporções mastodônticas se afigurava a um “grande zoológico”. Se levarmos em conta a idéia aristotélica de que o homem é um “animal racional”, até que a metáfora corresponde às estruturas do referido ente corpóreo, cuja finalidade primeira era abrigar jovens que compartilhavam a mesma aspiração, o desejo de ser padre.

Embora a aspiração e o espaço fossem compartilhados em comum, na compreensão dos problemas comunitários, das questões teológicas e eclesiais, reinavam a divergência e a oposição. Estamos no período em que tudo era passível de crítica e de questionamento. Questionava-se o modo de ser igreja, a identidade do sacerdote, o celibato, a castidade, a infalibilidade e autoridade do papa, a estrutura de seminário, a celebração da missa, a recitação do ofício, a liturgia, a formação, o trabalho pastoral, a espiritualidade presbiteral...

A insatisfação acenava para a necessidade de mudanças radicais. Eram reivindicações sintomáticas, a constituição de pequenas comunidades, a inserção nos bairros pobres de periferia... Exigia-se do professor a aplicação do método participativo em sala de aula, o discurso teológico em sintonia com a realidade candente daquela época, a prioridade da pastoral acima das razões teológicas... A cada assembléia mensal da grande comunidade, parecia que o ITESC iria implodir...

Por falar em assembléia mensal, era nesse espaço reservado para a revisão e a discussão dos problemas atinentes à vida comunitária e à sala de aula que as tensões eclodiam, as opiniões divergiam frontalmente, os ânimos, às vezes, se convertiam em discussões acaloradas... Com o término de cada assembléia, a sensação que tomava conta dos presentes era a de que alguma coisa precisaria mudar...

As mudanças vieram acontecer muito tempo depois. Na década seguinte (noventa), ocorre a implosão do “itescão”, o grande seminário. Cada diocese se responsabiliza pela orientação de seus seminaristas, construindo a sua casa de formação. A figura do Seminário de Teologia (SETESC) sucumbe em meio às ruínas de um sistema arcaico e ineficiente. O ITESC, como instituto de teologia, se firma. Pelo menos, a sua identidade, como academia, adquire traços bem definidos. E isso é um grande ganho! Os problemas de formação começaram a ficar restritos à sua área de competência, o espaço de convivência do seminarista com seus colegas e orientadores.

Dessa primeira impressão, ainda, permanece viva a memória de que, apesar das tensões, dos conflitos da tumultuada vida comunitária, a



experiência do tumulto é de uma riqueza preciosa, posto que ensina a compartilhar o mesmo espaço físico-cultural com a pluralidade, com o que pensa diferente, com o que apresenta perspectivas e caminhos alternativos, com o que se manifesta inusitado, insólito... A própria história da humanidade e da Igreja mostra que a convivência com o *diferente* é sempre difícil e desafiadora. No âmbito do mundo globalizado e no espaço eclesial de discursos e posturas uniformes, hoje, mais do que nunca, ressoa forte a interpelação em defesa da pluralidade e da diferença.

A segunda impressão me leva a inferir que o mundo interno do seminário, em certa parte, era reflexo do mundo externo, o conturbado horizonte social, político e econômico daquele marcante período histórico. Historicamente falando, estávamos situados no mundo que se dividia em dois blocos, o capitalista e o comunista. Era o cenário contrastante da guerra fria, dos gulag, da revolução cultural chinesa, da revolução cubana, da grande União Soviética e sua incontida expansão socialista...

Na América Latina, ainda, ecoava a dura e amarga realidade das ditaduras militares, as tentativas de guerrilha urbana e rural. Dos porões das ditaduras, por muito tempo, silenciadas pela tortura, pelo medo, já emergiam as vozes que denunciavam as atrocidades ocultadas, que investigavam as pessoas desaparecidas. Lembro-me tão bem dos livros lançados naquele período, “Argentina nunca mais”, “Brasil nunca mais”, “Batismo de Sangue” (Frei Beto), que traziam à luz os horrores da violência ideológica homicida.

No panorama sócio-econômico latino-americano, se reconhecia o fracasso da política desenvolvimentista. As suas conseqüências, principalmente no Brasil, se apresentavam desastrosas e inevitáveis, o êxodo rural, o inchaço das periferias, o abismo incontornável entre a minoria rica e a maioria pobre, a miséria, a fome, a marginalização, os excluídos, a deficitária infra-estrutura social...

Fervilhava, no plano das idéias, a utopia pela transformação social, por um mundo mais justo e fraterno, a busca pela *terceira via*... Recordo-me quanta vibração em torno da Revolução Nicaragüense! Como despertava fascínio a imagem de Che Guevara, estampada em camisetas ou a dos líderes cristãos, os que derramaram seu sangue pela justiça social...

Não podemos esquecer que as idéias, que alimentavam tanta esperança por transformação, sorviam inspiração na concepção socialista de K. Marx, cuja influência era visível no mosaico pluriforme do movimento da libertação. O discurso sobre a libertação era propriamente o divisor de águas...



Em referência a ele, se rotulava e dividia a Igreja em progressista e conservadora, os politicamente engajados (os revolucionários) e os alienados. A Teologia da Libertação estava no auge. Era a coqueluche do momento! Lembro-me que a curiosidade, por conhecer a complexidade e a amplitude do movimento libertador, fez-me ultrapassar o âmbito da teologia, e descobrir que existiam a sociologia da libertação de Fals Borda, a pedagogia do oprimido de Paulo Freire, a ética, a filosofia da libertação. Parece que foi, sob o timbre e o eco da libertação, que essa época plasmou suas utopias, seus sonhos, suas esperanças.

Indo mais além, sabemos que foi o eco da libertação que também contagiou a conferência de Puebla. Ali, o apelo por libertação integral se incorporava nos rostos desferidos pela opressão. Vivencialmente, a Igreja latino-americana redefinia ou encontrava a sua identidade mais genuína... Dava-se ênfase à imagem da Igreja como povo e reino de Deus, como participação e comunhão, como comunidade eclesial de base, como a Igreja dos pobres (*anawim*). A opção pelos pobres se discutia a partir de seu desafio comprometedor. Deveria ser uma opção exclusiva, radical ou preferencial? Teve gente séria e despojada, que optou pela inserção nos meios pobres. Outros, apenas com um discurso panfletário, denunciavam a si mesmos como farsantes e incoerentes. Quanto conflito! Quantas acusações!

Mas, tudo isso já vai tão longe... Com o olhar do presente, muitos desses fatos são páginas da história, já viradas. Constatamos que, em algumas dessas páginas, o desfecho dos fatos verteu sangue e sacrifício humano; outras, silenciam o clamor dos oprimidos, dos excluídos, dos anônimos, dos esquecidos, silenciam o grito sufocado por um mundo melhor dos que nunca serão lembrados...

A distância do tempo, ao recordarmos fatos que já se perdem no próprio túnel do tempo, torna lúcida a única lição, da qual eternos aprendizes somos. A transitoriedade das coisas, das pessoas, dos fatos, alarga o horizonte, onde nos situamos, para as perspectivas mais amplas, as que realmente têm dimensão de infinito. E penso que seja essa a experiência de que o ITESC, ao comemorar trinta anos, se faz credor. Como mediação, é apenas um instrumento que deverá permanecer atento aos sinais do tempo, para não trair a proclamação da *Boa Nova* ou a sabedoria de que Jesus foi mestre, o saber discernir entre o que é essencial e o que, de fato, é relativo, tendo em mira a perspectiva do Reino de Deus.

*Pe. Márcio Bolda da Silva*

Prof. Pós-Graduação em Teologia – PUCRS